



**MEMÓRIA E EDUCAÇÃO NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL:
preservando culturas locais por meio da tecnologia**

**MEMORY AND EDUCATION IN THE AGE OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE:
preserving local cultures through technology**

Hanna Yasmim Tavares Lima

Graduanda em Licenciatura em Educação Física pela UFPE/CAV.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3502-9940>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2214402625258500>

E-mail: hanna.yasmim@ufpe.br

Jefferson Araujo da Silva

Graduando em Licenciatura em Educação Física pela UFPE/CAV.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-9815-8937>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2612941695036277>

E-mail: academicojeff@gmail.com

Maria Eduarda de Sousa Lima

Graduanda em Ciências Biológicas pela UFPE/CAV.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-8008-1657>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7823440178139454>

E-mail: maria.sousalima@ufpe.br

Camille Gabriele Correia da Costa

Graduanda em Saúde Coletiva pela UFPE/CAV.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9972-0638>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9949894402966476>

E-mail: camille.gabriele@ufpe.br

Juliana Amorim Silva

Graduanda em Psicologia pela UFPE/CAV.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9608-8791>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4635891654811344>

E-mail: Juliana.asilva5@ufpe.br

Resumo

A presente análise adota uma abordagem teórica-analítica, abordando a relação entre Inteligência Artificial e educação no contexto da preservação das culturas locais. O objetivo é investigar os desafios e riscos do uso da IA na manutenção e valorização das identidades culturais, destacando a necessidade de princípios éticos, transparência e justiça. A pesquisa fundamenta-se na análise de obras acadêmicas e estudos relevantes que discutem as implicações sociais e culturais do avanço tecnológico. Os resultados indicam que, embora a IA tenha potencial de transformação, há riscos de homogeneização cultural e perda de autenticidade, moldadas por algoritmos predefinidos. Além disso, a concentração de controle em grandes corporações pode impactar a diversidade cultural. Conclui-se que o uso responsável da IA deve estar sustentado por princípios éticos sólidos, promovendo inclusão digital e protegendo a diversidade cultural, fundamental para evitar a descaracterização no ambiente digital.

Palavras-chave: Educação; inteligência artificial; cultura.

Abstract

This analysis adopts a theoretical-analytical approach, addressing the relationship between Artificial Intelligence and education within the context of preserving local cultures. It aims to investigate the challenges and risks associated with using AI to maintain and promote cultural identities, emphasizing the need for ethical principles, transparency, and justice. The research is based on the analysis of academic works and relevant studies that discuss the social and cultural implications of technological advancement. The findings indicate that, although AI holds transformative potential, it also presents risks of cultural homogenization and the loss of authenticity, driven by predefined algorithms. Furthermore, the concentration of control in large corporations may negatively impact cultural diversity. The study concludes that the responsible use of AI must be grounded in solid ethical principles, promoting digital inclusion and safeguarding cultural diversity, which is essential to prevent cultural erasure in the digital environment.

Keywords: Education; artificial intelligence; culture.

Introdução

A educação desempenha um papel fundamental na formação do cidadão, promovendo uma abordagem integral que o conduz a uma compreensão mais profunda de si mesmo e do mundo ao seu redor. Dessa forma, ela permite que o indivíduo se desenvolva plenamente, estabelecendo uma relação mais significativa entre o homem e o mundo. Conforme Kant (1996), em *Sobre a Pedagogia*, a educação é essencial para que o ser humano se complete e atinja sua verdadeira natureza, pois sem ela, o homem não pode se tornar plenamente humano. Além disso, é através da educação que a sociedade se configura, pois a socialização e o desenvolvimento humano dependem desse processo.

Neste contexto, a informação adquire um papel imprescindível, funcionando não apenas como um meio de comunicação, mas como uma ponte entre o real e o irreal. Ao estabelecer conexões entre diferentes dimensões da experiência humana, ela cria parâmetros de interconexão que são essenciais para o desenvolvimento das memórias e narrativas. Esses elementos, por sua vez, são fundamentais para a formação e preservação da cultura, pois sustentam a construção dos traços que definem o coletivo. As memórias, alimentadas por essas interconexões, tornam-se a base para a perpetuação dos valores e práticas culturais, conferindo identidade e continuidade às sociedades.

Em seu *Dicionário Filosófico*, Abbagnano (2000) define o termo "cultura" em dois sentidos interligados. O primeiro refere-se ao aprimoramento e refinamento pessoal do indivíduo, destacando a cultura como um processo de elevação da consciência e da moralidade, indispensável ao desenvolvimento humano. O segundo compreende a cultura como o conjunto de modos de viver e pensar que caracterizam uma sociedade civilizada, incluindo valores,

práticas e expressões que formam a base da convivência e identidade social. Assim, a cultura revela-se como uma extensão profunda da própria existência humana, um entrelaçamento subjetivo em seus significados que molda e é moldado pela experiência de viver, tornando-se parte indissociável do processo de ser e de se formar enquanto indivíduo.

No contexto educacional, esses significados adquirem ainda mais relevância, pois a educação proporciona a articulação de saberes, o entendimento das histórias e tradições locais, além de fortalecer as conexões e os laços culturais. Nesse cenário, a inteligência artificial (IA) surge como uma ferramenta transformadora, potencializando a construção e a interpretação dessas narrativas, ao mesmo tempo em que facilita o acesso e a preservação do conhecimento cultural. A IA também abre novas possibilidades para a interação com o patrimônio coletivo, criando formas inovadoras de mantê-lo vivo e acessível.

Este estudo busca responder à seguinte questão: como a IA pode contribuir para a preservação das culturas locais, respeitando a diversidade e autenticidade dessas tradições dentro do contexto educacional? O principal objetivo deste trabalho é investigar e demonstrar como os modelos inteligentes podem ser utilizados para fortalecer a preservação das culturas locais em meio ao mundo digital através do contexto educacional.

A relevância desta pesquisa reside no fato de que, em um mundo cada vez mais globalizado e digitalizado, as culturas locais enfrentam o risco de se perderem ou serem homogeneizadas por forças externas. Assim, compreender como a IA pode ser aplicada de forma a preservar e valorizar essas culturas é uma contribuição significativa para a educação, a memória coletiva e a diversidade cultural. Para embasar a análise, este trabalho utiliza duas obras fundamentais: *Inteligência Artificial e Educação: Refletindo sobre os Desafios Contemporâneos* e *Inteligência Artificial e Cultura: Perspectivas para a Diversidade Cultural na Era Digital*, que fornecem perspectivas teóricas e reflexivas essenciais para a discussão.

Metodologia

Na presente seção, serão apresentados os métodos adotados para a realização deste estudo, incluindo o tipo de pesquisa, as técnicas utilizadas e o método de análise dos dados.

Este estudo é caracterizado como uma pesquisa qualitativa, fundamentada em uma análise documental. A pesquisa qualitativa, conforme discutido por Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 5), “[...] utiliza métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos”. Neste contexto, a análise documental foi escolhida

como a técnica principal, tendo como foco a investigação de obras que abordam a interseção entre memória, educação e o papel da IA na preservação de culturas locais.

O método de análise de dados empregado foi a sistematização dos metadados das obras selecionadas, que foram organizadas e registradas por meio da ferramenta Google Sheets. Nessa etapa, foram incluídos dados como título dos capítulos, autores, ano de publicação e abordagem temática das obras. Esses dados permitiram uma análise crítica das obras, identificando os principais conceitos e discussões relevantes que se alinham ao objetivo da pesquisa.

As obras analisadas foram "Inteligência Artificial e educação: refletindo sobre os desafios contemporâneos" (2023) e "Inteligência Artificial e cultura: perspectivas para a diversidade cultural na era digital" (2022), selecionadas pela sua pertinência ao tema do estudo e pela contribuição teórica oferecida aos objetivos da pesquisa.

A metodologia foi organizada em quatro etapas principais: (1) seleção das obras de acordo com sua relevância para os temas de memória cultural, educação e IA; (2) análise detalhada das obras selecionadas; (3) organização dos dados utilizando a ferramenta Google Sheets para registrar os metadados; e (4) análise crítica dos capítulos, com o objetivo de extrair argumentos e insights que fundamentassem as reflexões do estudo.

Resultados e Discussão

O âmbito educacional se reestrutura como um organismo vivo, adaptando-se continuamente às tendências sociais emergentes. Nesse processo, há uma profunda interação entre as transformações sociais e o campo educacional. Sob a perspectiva do conceito de cibercultura de Lévy (1997), pode-se compreender que as abstrações de um mundo invisível, representado pelo meio tecnológico, não apenas influenciam, mas também moldam e recriam novas realidades no mundo concreto, promovendo modificações significativas no universo material.

Com os avanços tecnológicos, a sociedade passou a experimentar a integração de sistemas inteligentes, antes concebidos como uma utopia distante. Essa inter-relação entre o concreto e o simbólico evidencia transformações estruturais nos modos de viver, pensar e aprender, refletindo diretamente na reorganização sociocultural. Nesse cenário, as tecnologias digitais assumem um papel central na mediação dos processos educativos e na preservação cultural, ao potencializar dinâmicas que articulam informação, conhecimento e diversidade. A análise dos dados evidencia que compreender essas intersecções é fundamental para ampliar o

entendimento sobre os impactos sociocognitivos da automação inteligente no contexto educacional contemporâneo, possibilitando novas leituras sobre a formação dos sujeitos na era digital.

Em uma primeira análise, a obra apresenta uma crítica significativa ao processo de coleta de dados realizado pelas big techs. Esse mecanismo não apenas amplia as chances de distorções informacionais, mas também revela os riscos associados à perda de controle sobre esses dados. Como consequência, o direcionamento cultural torna-se cada vez mais fragmentado, comprometendo a veracidade e a autenticidade das informações. Nesse contexto, emerge a preocupação de que a exclusão da cultura no debate sobre tecnologia possa gerar consequências graves, tanto para o controle das informações quanto para o equilíbrio do tecido social.

É nesse ponto que se torna crucial refletir sobre o impacto do poder desproporcional das grandes empresas de tecnologia e a necessidade de reivindicar um espaço ativo para o setor criativo no debate. Afinal, como destacado por Kulesz:

Diferente, portanto, de se contentar com um papel marginal nas discussões sobre IA, o setor criativo deve reivindicar seu lugar com maior vigor; se não o fizer, as consequências negativas afetarão [...] todo o tecido social. Justamente quando a cultura é excluída da equação, o controle se perde: os “servidores”, a quem delegamos nossos dados, tornam-se poderosos demais. [...] Não nos referimos às próprias máquinas [...] mas àqueles que as controlam. Em última análise, os desafios impostos pela IA [...] têm a ver com a possibilidade de que as big techs possam adquirir uma influência excessiva. (p. 40, 2022)

Através disso, é necessário atentar para o uso das informações sociais integradas às bases de dados das *big techs*, considerando a opacidade que envolve os direcionamentos e as intenções pessoais daqueles que controlam essas grandes empresas. Essa concentração de poder centralizado torna-se incalculável, gerando implicações profundas para a sociedade. Tais instituições, ao moldarem suas ações, possuem o potencial de distorcer as dinâmicas sociais, agindo em conformidade com interesses próprios e alinhando-se aos princípios da cibercultura, elaborando direções previstas para moldar a estrutura social de acordo com seus interesses.

Esse poder, viabilizado por meio de manipulações digitais, pode configurar uma vasta e incalculável influência sobre os comportamentos sociais, promovendo a corrosão das tradições culturais e a imposição de narrativas exclusivas. Essas narrativas, frequentemente ancoradas em perspectivas singulares e direcionadas politicamente, consolidam um cenário de controle que redefine os valores sociais e culturais em prol de interesses específicos, agravando as desigualdades estruturais.

Nesse contexto, a educação se configura de maneira diversa, refletindo as particularidades geográficas e sociais encontradas no Brasil. Segundo o IBGE (2022), o país conta com uma população de 203.062.512 habitantes, composta por sujeitos que apresentam formas educacionais distintas, moldadas por suas respectivas realidades regionais e culturais. Essas especificidades revelam a pluralidade de identidades, que são, ao mesmo tempo, singulares e imersas em complexas subjetividades.

Nessa perspectiva, a educação não se restringe apenas a um processo de transmissão de conhecimento, mas se entrelaça com fatores sociais, culturais e históricos que constituem as bases das identidades nacionais. Dessa forma, a educação emerge como um reflexo das dinâmicas sociais e culturais, sendo influenciada pela diversidade que caracteriza o Brasil. Ao conectar com a primeira obra, podemos entender que a mesma cultura pode ser entendida em olhares diferentes, sendo distorcida através da heterogeneidade nacional, além disso a IA passa a seguir um parâmetro subjetivo, a qual destina o ideal da cultura para o ser humano em torno de suas condições únicas, uma dessas ferramentas é a *Learning Analytics* (LA):

Entre essas aplicações da IA através da aprendizagem de máquina, [...] destacamos o Learning Analytics (LA) que analisa padrões de comportamentos relacionados com a aprendizagem, estabelecendo relações, quantificando para prever e modelar novos comportamentos e direcionando para uma personalização do ensino, com o objetivo de atender as necessidades dos estudantes, com a indicação de materiais de aprendizagem e exercícios adaptados ao nível e estilo de aprendizagem deles. (Alves, p. 42, 2023)

O debate sobre o impacto das máquinas inteligentes no campo educacional e social é, acima de tudo, um convite à reflexão crítica sobre os processos informacionais que ela gera. O ponto central dessa reflexão, conforme apontado por Andrade, Mendonça e Filgueiras (2023), é a questão da transparência. As tecnologias baseadas em IA apresentam um desafio significativo ao não esclarecerem adequadamente como são obtidos os dados, como estes são processados e, mais crucial ainda, como as informações pessoais dos usuários são tratadas. A falta de visibilidade sobre os conjuntos de dados utilizados, bem como sobre os algoritmos que orientam a geração de respostas, expõe uma lacuna de confiança que vai além da mera dificuldade técnica: trata-se de um entrave ético de grande magnitude.

A ausência de mecanismos de explicabilidade e interpretabilidade coloca em risco a relação entre a IA e os indivíduos que interagem com ela. Por mais que essas tecnologias possuam um potencial transformador, sua lógica permanece dualista. Por um lado, elas podem ser vistas como ferramentas promotoras de eficiência e personalização, mas, por outro, podem

ser convertidas em instrumentos de manipulação, alterando narrativas e distorcendo realidades. Quando consideramos o papel fundamental da IA na construção e modificação de identidades culturais e regionais, o perigo se torna ainda mais evidente. Valores, crenças e práticas culturais, muitas vezes em um estado de vulnerabilidade histórica, correm o risco de ser reconfigurados de maneira alienante ou distorcida pela opacidade dos processos tecnológicos que sustentam tais sistemas.

Esse fenômeno não é apenas um reflexo das escolhas feitas no processo de desenvolvimento das tecnologias de IA, mas também da falta de uma reflexão crítica sobre como os vieses históricos e sociais são incorporados nas estruturas de dados e nos algoritmos que as alimentam. Ao amplificar esses vieses, a IA não só reproduz desigualdades preexistentes, mas também contribui para a formação de novas narrativas que, por serem formuladas de maneira não transparente, podem obscurecer a diversidade de identidades e experiências humanas.

Um exemplo claro citado em uma das obras que trata sobre a falta de transparência no tratamento de dados ocorre no Brasil, com a transferência dos dados dos estudantes do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) para o banco de dados da Microsoft Azure, localizado nos Estados Unidos. Esse processo não apenas evidencia a centralização dos dados em corporações tecnológicas de grande porte, mas também revela práticas de "colonialismo de dados". Nesse contexto, informações valiosas sobre o desempenho dos alunos brasileiros são repassadas sem o consentimento explícito dos envolvidos, nem mesmo sem o devido conhecimento sobre como esses dados serão utilizados (Silveira, 2021).

Diante da gama de dados, surgem os vieses, que formam resultados que refletem os preconceitos humanos, como discriminação racial, de gênero ou socioeconômica. Esses vieses tendem a satisfazer os algoritmos interligados aos preconceitos sociais, criando um ciclo que pode reforçar desigualdades. Na interligação entre educação e cultura, essa dinâmica se torna particularmente preocupante. Os algoritmos inteligentes, ao processar dados oriundos de contextos históricos marcados por discriminação e exclusão, não só reproduz esses vieses, mas também os potencializa, impactando diretamente as práticas educacionais e culturais. No contexto educacional, isso pode se manifestar na criação de sistemas de ensino e avaliação que, ao personalizar o aprendizado, acabam por reforçar normas e estereótipos culturais predominantes, ao invés de promover a pluralidade cultural. Isso ocorre quando a IA ignora as especificidades de cada grupo cultural e social, impondo uma visão homogênea e excluindo as identidades e saberes de grupos historicamente marginalizados. Esse processo, ao invés de

democratizar o acesso à educação, pode consolidar a desigualdade e a fragmentação social, criando uma educação que, ao invés de ser inclusiva, reforça a exclusão.

Esse risco é amplamente reconhecido, como destacado por especialistas na área:

As aplicações automatizadas têm se tornado mais proeminentes em todas as áreas da vida social, e há um risco crescente de que, pela forma como foram construídos, esses sistemas tomem decisões que afetem negativamente muitas pessoas. De fato, o design dos algoritmos e até mesmo a seleção dos dados que compõem o input para as máquinas podem esconder vieses de gênero, raça e outros, e, assim, ampliar os preconceitos de quem desenvolveu a aplicação. Isso poderia levar à discriminação contra determinados grupos ou à censura seletiva de conteúdos. (Kulesz, p. 52, 2022)

Essa afirmação reforça a ideia de uma sociedade inflexível diante das informações, onde dados que atravessam o tecido social são ocultados, influenciando diretamente os pensamentos e ações dos indivíduos.

A Educação Nesse Processo

O diálogo presente nas obras analisadas aborda, de forma direta, a temática educacional, mas revela uma visão desequilibrada sobre a interconexão entre IA e educação. Por um lado, observa-se uma argumentação baseada em uma visão superficialmente positivista; por outro, surgem críticas contundentes que tornam as inconsistências desse debate mais evidentes. Essa dicotomia é particularmente perceptível em um contexto onde a tecnologia ocupa uma posição central nos debates educacionais, marcados por sua constante e acelerada transformação.

Nesse cenário de rápida modificação, os textos analisados destacam a ausência de uma estrutura consolidada na área. Esse ponto de partida nos leva à necessidade de aprofundar a discussão sobre os desafios mais amplos que cercam essa interconexão.

[...] Quais os vieses que estão implícitos e às vezes explícitos nos textos apresentados? Como estão sendo coletados os nossos dados ao interagirem com esse ambiente e como serão usados? Qual o modelo de negócio das empresas que estão por trás das tecnologias de IA? Quem terá acesso e como? Como são tratadas questões éticas, étnicas, de identidade de gênero, xenofóbicas, entre outras, ao alimentar e treinar os bancos de dados dessas tecnologias? Muitas perguntas sem respostas, mas que precisam ser discutidas nos distintos espaços escolares e acadêmicos a fim de que possamos garantir uma interação crítica. (Alves, p. 42, 2023)

A ausência de questionamentos adequados sobre a IA evidenciam a inconstância e os desafios do campo, especialmente quando se considera a educação como uma das áreas

impactadas. Essa lacuna crítica no processo de questionamento estrutural revela a dificuldade de estabelecer uma base sólida que oriente a utilização da IA de maneira segura e eficaz, tanto para os educadores quanto para os alunos. A falta de uma estrutura bem definida não só dificulta a implementação prática da IA, mas também levanta questões sobre a sua responsabilidade, transparência e sustentabilidade.

Neste contexto, a OCDE, com sua "Declaração de Princípios sobre Inteligência Artificial", apresenta um conjunto de diretrizes que buscam assegurar que a IA seja uma força positiva para a sociedade, respeitando direitos humanos e valores democráticos. A recomendação destaca que a IA deve beneficiar não apenas as pessoas, mas também o planeta, promovendo um crescimento inclusivo e sustentável. Para isso, ela precisa ser projetada de forma que respeite o estado de direito e assegure uma sociedade justa, com salvaguardas que permitam a intervenção humana quando necessário.

Além disso, a transparência dos sistemas de IA é essencial para garantir que os resultados sejam compreendidos e geridos de maneira responsável, permitindo a confiança dos usuários. A robustez e a segurança dos sistemas também são pontos chave, exigindo uma avaliação constante dos riscos ao longo do seu ciclo de vida. Por fim, os responsáveis pela implementação da IA devem assegurar que seus sistemas operem conforme esses princípios, garantindo que o uso da tecnologia seja sempre ético e alinhado com os objetivos sociais e educacionais.

Essa base de princípios proporciona um direcionamento para uma aplicação mais segura e equitativa da IA, especialmente na educação, onde a tecnologia pode transformar o aprendizado, mas exige uma estrutura crítica para garantir que seus benefícios sejam amplamente distribuídos e seus riscos minimizados. No entanto, para que esses princípios sejam efetivamente implementados, é essencial que se leve em consideração as implicações culturais do uso de dados, que vão além da mera aplicação tecnológica.

Nesse sentido, surgem questionamentos fundamentais sobre como as culturas estabelecidas a partir dos dados são moldadas. A ética subjacente à construção e ao treinamento das tecnologias de IA é uma questão crucial: essas culturas são norteadas por uma ética profunda e harmoniosa? Essa indagação destaca a urgência de um debate mais rigoroso e interdisciplinar sobre os valores, as práticas e os impactos da IA, garantindo que as tecnologias sejam não apenas eficientes, mas também compatíveis com os princípios éticos e culturais que respeitam a diversidade e a equidade.

Outro ponto argumentado nas obras, é o fato de existir a desaceleração artística dos seres humanos no seu processo de criatividade, dessa maneira seguirá para elaborações que vão depender da máquina para concluir o produto de suas ideias, sendo assim, a IA passa a se tornar um acessório fundamental para as criações puramente artísticas.

Segundo Oliveira (2006), a criatividade desempenha um papel fundamental na promoção de uma integração harmoniosa entre os aspectos social, afetivo e cognitivo. Essa conexão ressalta a estreita relação entre criatividade e saúde mental, evidenciando que o desenvolvimento de ambientes propícios à expressão criativa contribui significativamente para o florescimento dessas habilidades. Dessa forma, ao estimular contextos que favoreçam a criatividade, promove-se não apenas o potencial individual, mas também o bem-estar psicológico e social.

Dessa maneira entendemos que tal criatividade está diretamente ligada ao amplo desenvolvimento do sujeito em toda sua integralidade, e assim, com a necessidade constante da IA, esse processo de desenvolvimento positivo perderá parcialmente a sua posição, visto que o pensar e o criar estarão dependentes das sugestões dos dados da máquina. Perante uma das obras:

Se essa tendência se mantivesse, o cenário estaria montado para uma “bolha perfeita” em torno dos usuários, levando a uma concentração sem precedentes na criação, produção e distribuição de bens e serviços culturais. Nesse cenário, as expressões culturais teriam valor econômico, mas não transmitiriam identidade nem significado. Não haveria, portanto, lugar para obras concebidas para as gerações futuras ou para grandes artistas, geralmente incompreendidos em seu próprio tempo. A arte se tornaria apenas mais um bem de consumo descartável e a soma das criatividade individuais acabaria nas mãos de poucas empresas líderes globais em IA. (Kulesz, p. 41, 2022)

Assim, a criatividade, que deveria ser um reflexo da subjetividade humana e da expressão singular de cada indivíduo, acabaria sendo moldada por padrões preestabelecidos e previsíveis, definidos pelas máquinas e pelas corporações que as controlam. Esse processo resultaria na homogeneização das produções culturais, esvaziando a arte de sua autenticidade e capacidade de provocar reflexões profundas. Em vez de uma força transformadora, a criatividade mediada pela IA poderia se tornar apenas uma ferramenta para a manutenção de estruturas de poder e mercado.

Considerações Finais

A análise da convergência entre IA e educação, no contexto das obras examinadas, revela uma interseção crítica, onde as promessas tecnológicas coexistem com desafios profundos e multifacetados. Embora a IA apresente uma visão de inovação, a ausência de uma estrutura sólida e uma abordagem mais crítica em relação às suas implicações educacionais e culturais tornam-se evidentes. Essa lacuna é particularmente problemática no que tange à ética, à transparência e à equidade, áreas fundamentais para que a IA seja aplicada de maneira responsável no ambiente educacional. Dessa forma se torna complexo a forma de sua aplicação, visto que é uma área em expansão de forma acelerada.

A inserção de diretrizes como as da OCDE, que buscam assegurar que a IA seja uma força positiva para a sociedade, é um passo importante, mas ainda insuficiente diante das complexas questões sociais e culturais que envolvem seu uso. O risco de homogeneização da criatividade, um dos maiores alertas das obras analisadas, ilustra uma possível desconexão entre a tecnologia e a subjetividade humana. Nesse cenário, a arte e a cultura poderiam se ver transformadas em produtos descartáveis, moldados por algoritmos preestabelecidos que obscurecem a verdadeira essência da criação, assim afetando o pensar humano dentro das suas produções intelectuais se guiando a uma padronização perante a máquina, onde consequentemente reduz o entendimento junto ao envolvimento cultural dos sujeitos.

Por outro lado, o impacto da IA na educação vai além da simples adoção de novas ferramentas pedagógicas. O debate sobre o uso de dados e sobre as implicações éticas da coleta e da manipulação dessas informações não pode ser ignorado. É fundamental questionar quem detém o controle das tecnologias, como as decisões são tomadas e, principalmente, como garantir que os valores humanos e culturais não sejam diluídos em favor de um modelo de negócios que prioriza o lucro em detrimento do bem-estar coletivo.

Em última análise, a transformação que a IA pode proporcionar deve ser acompanhada por uma reflexão crítica contínua, que envolva não apenas tecnólogos e educadores, mas também os cidadãos, a sociedade civil e as culturas locais. A criatividade humana, enquanto expressão genuína de um ser em constante evolução, deve ser preservada de modelos redutores que a vejam apenas como um produto a ser consumido. Portanto, é imperativo que a aplicação da IA, seja na educação ou na cultura, esteja sempre ancorada em princípios éticos sólidos e em um compromisso real com a diversidade, a equidade e a justiça social.

A tecnologia, quando usada de forma consciente e equilibrada, pode ampliar horizontes e transformar a educação e a cultura. Contudo, se sua implementação não for guiada por uma

visão crítica e humanizada, o risco de subordinação da criatividade e do conhecimento a padrões mecanizados e uniformes será uma realidade. A responsabilidade recai sobre todos nós, para que as máquinas inteligentes não sejam apenas um instrumento de eficiência, mas também um motor para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e plural.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2000.
- ALVES, Lynn. **Inteligência artificial e educação**: refletindo sobre os desafios contemporâneos. Salvador; Feira de Santana: EDUFBA; UEFS Editora, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/38646>. Acesso em: 21 maio 2025.
- ANDRADE, V.; MENDONÇA, R. F.; FILGUEIRAS, F. **ChatGPT**: tecnologia, limitações e impactos. *CienciaHoje*, Rio de Janeiro, mar. 2023. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/ChatGPT-tecnologia-limitacoes-e-impactos>. Acesso em: 15 jan. 2025.
- CETIC.BR; NIC.BR. **Inteligência artificial e cultura**: perspectivas para a diversidade cultural na era digital. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2022. Disponível em: <https://cetic.br/pt/publicacao/inteligencia-artificial-e-cultura-perspectivas-para-a-diversidade-cultural-na-era-digital/>. Acesso em: 25 maio 2025.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022**: População e domicílios: resultados preliminares. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102011.pdf> Acesso em: 23 jan. 2025.
- KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Piracicaba: UNIMEP, 1996.
- OCDE. **OECD Council Recommendation on Artificial Intelligence**. 22 maio. 2019. Disponível em: <https://www.oecd.org/ai/>. Acesso em: 23 jan. 2025.
- OLIVEIRA, Z. M. F.; ALENCAR, E. M. L. S. **A Criatividade faz diferença na escola**: O professor e o ambiente Criativos, 2007.
- SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. **Pesquisa documental**: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, São Leopoldo, RS, Ano 1, n.1, Jul., 2009.
- SILVEIRA, S. A. **A hipótese do colonialismo de dados e o neoliberalismo**. In: CASSINO, J. F.; SOUZA, J.; SILVEIRA, S. A. (org.). *Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021. p. 32-50.